

Na verdade, a crítica tem ra-
zão: chegar à sexta edição de
uma Bienal e não voltar, vivei.

Um quarto elemento se vem
a acrescentar aos já citados: a
reacção unânime da imprensa
especializada, do «Mondes» às
«Lettres Françaises» de «Com-
bat» a bem-falante «Quin-
zena Literária». Nunca me
foi dado assistir a uma demo-
nstração sistemática tão virulen-
ta, tão mordaz, tão cáustica,
como aquela a que a Im-
prensa parisiense se entregou
a propósito da Bienal de Paris.
Créditos reduzidos, espírito mes-
quinho, vistas curtas, escolha
discutível, mediocridade, falta
de imaginação, falta de respon-
sabilidade, cópia desenfreada,
festival do «pastiche»... tudo
foi dito.

Um quarto elemento se vem
a acrescentar aos já citados: a
reacção unânime da imprensa
especializada, do «Mondes» às
«Lettres Françaises» de «Com-
bat» a bem-falante «Quin-
zena Literária». Nunca me
foi dado assistir a uma demo-
nstração sistemática tão virulen-
ta, tão mordaz, tão cáustica,
como aquela a que a Im-
prensa parisiense se entregou
a propósito da Bienal de Paris.
Créditos reduzidos, espírito mes-
quinho, vistas curtas, escolha
discutível, mediocridade, falta
de imaginação, falta de respon-
sabilidade, cópia desenfreada,
festival do «pastiche»... tudo
foi dito.

(Continuado da pág. anterior)

POBRE BIENAL BIENAL POBRE

(Continuado da pág. anterior)

le que, objectivamente os valo-
rizou, enquanto as inteligên-
cias torvas, vítimas da impieda-
da dos meus juízos, afiam o gu-
me das suas facas para me re-
talharem os fígados. E esta ce-
na que se repete há mais de três
décadas só a representa aque-
le para quem a crítica não é uma
prenda de estirpe mas uma
grilheta que penosamente re-
trava os movimentos desde o dia
em que resolveu sacrificar a sua
carreira de escritor à sua missão
de juiz.

Tendo chegado a esta em
a crítica e a história da litera-
tura começam a proceder ao ba-
lanço das actividades de uma ge-
ração que, bom ou mau, deixou
rasgo nas letras da primeira me-
tade do século XX, eis-me a mim
próprio envolvido nos seus juí-
zos, uma vez que, com maior ou
menor relevo, faço parte dessa
geração. Há pouco tive oportuni-
dade de me ocupar aqui mesmo
do ensaio do jovem Fernando
Guimarães, A Poesia da «Presen-
ça» e o Aparecimento do Neos-
tismo, obra onde sou largamente
jogado, e já hoje me encontro
diante de um livro onde o roman-
ço presentista, a poesia do segun-
do modernismo e outros aspectos
da actividade literária da mes-
ma geração são apreciados com
objectividade no que respeita aos
meus camaradas e com genero-
sidade no que me diz respeito a
mim. Retiro-me às Novas Pers-
pectivas de Luis Forjaz Triguei-
ros, obra incluída na colecção
Ensaístas Contemporâneos da
União Gráfica. Desta feita a po-
sição agrava-se, uma vez que
Luis Forjaz Trigueiros pertence
ao número dos meus mais vel-
hos amigos entre os críticos das
gerações posteriores à da Presen-
ça, e tudo que eu diga a respeito
dos méritos do seu livro, que
são muitos, se antolhará àque-
les que me olham, desconfiados,
como uma retribuição de favo-
res.

Bem certo que sempre me
alhei do que possa pensar a má
consciência dos que nunca deram
porque a têm, e não é agora que
vou mudar de comportamento.
Em todo o caso aproveito a o-
portunidade para pôr os pontos nos
seus, feito o que digo o meu ca-
minho. Formado em grande par-
te por breves trechos vindos a
lume neste jornal sob a rubrica
de Temas, as Novas Perspectivas
são um documento dos
mais notáveis com que conta a
já longa bibliografia de Luis
Forjaz Trigueiros. A par desses
breves ensaios, ao mesmo tem-
po confidentiais e objectivos,
dualidade que caracteriza os es-
critos deste ensaísta, que é do
mesmo tempo ficcionista, críti-
co literário e crítico dramático,
figuram, na colectânea agora da-
da à estampa pelo autor de Ven-
tos e Marés, quatro trabalhos de
fôlego. São eles as duas conferên-
cias que ocupam a pri-
meira parte do livro — Ficção e
Poesia — intitulada uma A Li-
teratura Psicológica Metafísica
e de Situação Existencial (em
Portugal de 1925 a 1962) e a
outra A Poesia do segundo Mo-
dernismo, e as duas que figu-
ram na III Parte, respectivamen-
te O Teatro de Alfredo Cortés e
Uma Perspectiva do Teatro Con-
temporâneo. As restantes duas
partes das Novas Perspectivas —
Notas dum Diário de Crítica e
Temas e Autores Brasileiros —,
de menor tomo, inscrevem-se sob
o signo do diário de críticas,
são, como dissemos acima, ao

Fernando
Namora

rural, apare-
cendo agora
com um livro
sociológica-
mente de de-
limitação ur-
bana, trajecto de resto idêntico
ao cumprido na sua obra de
ficcionista, revela uma percep-
ção a mudanças fundamentais
nas estruturas da sociedade em
que vive, que muito interessa
assinalar ao registar o apareci-
mento deste seu livro, fomos a
dizer, para nós quase e espe-
rado.

Marketing é o título do livro.
Já há uns dez anos, naquele
que é um dos melhores estudos
de conjuntura literária portu-
guesa feitos por um contempo-
râneo, o estudo que antecedeu
e explica a 3.ª série de *Líricas
Portuguesas*, por Jorge de Sena,
a distribuição profissional dos
poetas apresentados era sinto-
mática. Dez anos depois, não
se andará longe da verdade se
se afirmar que, irrespectiva-
mente a *ismos*, quase toda a
praxis da poesia portuguesa de-
sembocou na publicidade, nas
relações públicas... no *marke-
ting*. Fenómeno que merecerá o
seu estudo, quando alguém, no
futuro, se ocupar das mudanças
de que somos participantes e
testemunhas.

Entendemos e apreçamos o
livro de Fernando Namora,
agora vindo a público, como
um salutar desafio à situação
envolvente como uma denún-
cia da generalizada alienação,
ainda que sarcásticamente des-

de surpreendente ereto: quem
não precisa de saber / quem
descobriu o Cabo Horn / nem
talvez o que significa / mana-
gement. Confia em nós. Pen-
saremos / por si. Deixe os ir-
landeses / de Ulster / regarem-
-se com girândolas de petróleo.

Porém, embora seja essa par-
te, de poemas directos, empe-
nhados, sarcásticos, a que nos
parece marcar a novidade e o
interesse do livro de Fernando
Namora, este, em «*Novos Re-
tratos de Família*» e em «*Líri-
cas*», dá expressão a aspectos
também essenciais da sua per-
sonalidade poética. E contras-
tadas as diferentes partes de
que se compõe o livro, ele como
que ganha mais humana res-
sonância, ao mundo da aliena-
ção sendo oposto um mundo de
humanidade plena. É mesmo
importante encontrar, entre as
«*Líricas*», estes versos simples,
coloquiais, tão logo entendidos
como fala a um só e preciso des-
tinatário: *Se eu pudesse / es-
crever só / para ti / (que é /
um modo de dizer: / como a
brisa passa / porque é brisa /
como as águas / correm por-
que / são água / como a planta
respira / e a fera mata) / se
eu pudesse / escrever / sem en-
dereços / sem sobrescritos / sem
o medo / de ser lido / de ter
escrito / seria a verdade / dos
rios / seria a praia nocturna /
a sós com o mar / seria o
hábito / da boca desnuda / se-
ria montanha / seria rio / se-
ria mar / seria asa. / Seria eu.*
Vamos precisando também dis-
to, nós, os leitores de poesia.

BIENAL POBRE POBRE BIENAL

(Continuado da pág. anterior)

exemplos (apetece dizer exem-
plares) desta ironia refinada:
No dia da inauguração munda-
na, com a multidão cruzando
a vasta esplanada que liga os
dois Museus de Arte Moderna,
um par desnuda-se, cobre-se
com a bandeira americana, dei-
ta-se..., veste-se rapidamente e
parte sem ser identificado ou
detido. Fotografias nos jornais.
Grossa publicidade. Ainda no
dia da inauguração, um grupo
de jovens gerais passava em
revista as obras expostas e
aplaudia ruidosamente. Os ge-
nerais, contudo, eram... falsos.
Alguns dias depois, um peque-
no comando da Polícia tenta
restabelecer a ordem na Bienal
e, como elefante na casa de
loucas, desencadeia reacções su-
cessivas, protestos, partidas.

Um quarto elemento se vem
a acrescentar aos já citados: a
reacção unânime da imprensa
especializada, do «Mondes» às
«Lettres Françaises» de «Com-
bat» a bem-falante «Quin-
zena Literária». Nunca me
foi dado assistir a uma demo-
nstração sistemática tão virulen-
ta, tão mordaz, tão cáustica,
como aquela a que a Im-
prensa parisiense se entregou
a propósito da Bienal de Paris.
Créditos reduzidos, espírito mes-
quinho, vistas curtas, escolha
discutível, mediocridade, falta
de imaginação, falta de respon-
sabilidade, cópia desenfreada,
festival do «pastiche»... tudo
foi dito.

Na verdade, a crítica tem ra-

dos louros do passado, querer
dourar os velhos bronzes, fechar
os olhos à mutação gigantesca
da sociedade e à fermentação
espiritual que percorre a Euro-
pa, equivale a querer dar da
arte e dos artistas na sociedade
moderna uma imagem de pobre-
za, de miserabilismo, de confort-
mismo e de estagnação, que não
concordam de maneira alguma
com a realidade. A sociedade
burguesa tentou e conseguiu re-
cuperar a maioria dos movimen-
tos de renovação da última dé-
cada. Mas uma droga é sempre
uma droga, antes ou depois de
ingerida, e os seus efeitos, aten-
nuados por algum tempo, acaba-
bam por se manifestar. Não é
recuperando que as Bienais
cumprem a sua função. Não é
esterilizando. É necessário re-
pensar completamente as Bien-
ais, Grandes Prémios, Exposi-
ções, Fundações Artísticas, Ban-
cos. Ou então a evolução da
arte far-se-á sem eles, tal como
no começo do século o cubismo,
o futurismo, o dadaísmo se pas-
saram perfeitamente dos Sa-
lões.

Num próximo artigo aborda-
remos o sentido geral da Bienal,
os envios, as surpresas, os
momentos de interesse.

Tempo Literário